

MOBILIZAÇÃO. Categoria intensifica ações na busca de uma nova proposta salarial por parte do governo

Grevistas bloqueiam acesso à Ufal

FÁTIMA ALMEIDA
REPÓRTER

Em greve há dois meses e meio, docentes e técnicos da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) realizaram, ontem, uma assembleia pública na entrada

do Campus A. C. Simões, em Maceió, demonstrando que ainda há fôlego para manter a paralisação por tempo indeterminado, enquanto tentam avançar nas negociações com o governo em busca de uma nova proposta salarial que

tenha aceitação da categoria.

A última proposta do governo federal ofereceu reajuste de 21%, divididos ao longo dos próximos quatro anos. A categoria luta por 27% e não aceita parcelamento a longo pra-

zo. Segundo Emerson Oliveira, da coordenação-geral do Sindicato dos Trabalhadores da Ufal (Sintufal), a proposta do governo não repõe sequer a inflação acumulada nos últimos quatro anos, dois dos quais, totalmente sem reajuste.

“Não estamos lutando por aumento, mas por reposição da inflação que corroeu nossos salários. Tivemos dois anos sem qualquer reajuste, e dois anos com índices abaixo da inflação. Não dá para negociar o parcelamento pelos próximos quatro anos de uma reposição que já vem acumulada há outros quatro anos”, diz ele, reforçando que a tendência apontada na assembleia de ontem foi de que o movimento será mantido até que o governo ofereça uma proposta melhor, e que as ati-

vidades de greve serão intensificadas.

“Estamos chamando este mês de ‘agosto vermelho’. Vamos fortalecer a mobilização realizando atividades sincronizadas em todo o País e trabalhando, também, com outras categorias de servidores públicos federais que também estão em greve”, diz Emerson Oliveira.

Durante toda a manhã, os trabalhadores da Ufal mantiveram os portões da universidade fechados, realizaram um lanche cole-

tivo na entrada do campus e, após a assembleia, bloquearam, por cerca de meia hora, o trecho da BR-101, em frente à Ufal.

Hoje o comando de greve realiza, às 10h, no auditório da Reitoria, um debate sobre a inserção da mulher na atividade sindical, com a professora Maria Aparecida Batista, e já se fala na preparação de um grande ato para a próxima semana.

“É necessária a compreensão da sociedade sobre o momento que vivemos na universidade. Entendemos que a greve causa prejuízos aos alunos, mas lutamos, também, contra prejuízos maiores que os cortes absurdos de recursos estão causando, afetando estudantes e trabalhadores das universidades brasileiras”, conclui Emerson Oliveira. ☺

;

Pressão

Tendência é de que movimento seja mantido até que o governo ofereça uma proposta melhor à categoria



Servidores se mobilizaram em frente à Ufal e decidiram manter greve iniciada há dois meses

DÁRCIO MONTEIRO